

Visita Técnica à Exposição “Yolanda Penteado: A dama das artes de São Paulo”

De 9 de abril de 2016 a 10 de dezembro de 2018

Solar da Marquesa de Santos

Visita conduzida por Márcia Sandoval Gregori em 14 de Abril de 2016¹

Associada à leitura do livro *The New Museology*, organizado por Peter Vergo, e particularmente ao artigo *On living in a New Country*, de Stephen Bann, a visita à exposição levanta vários pontos de discussão tratados pelos textos². Uma questão central colocada pela nova museologia é a da comunicação. Entendida como a interface da pesquisa com o público, especializado ou não, compreende tanto a expografia, quanto fontes pesquisadas, créditos e ações culturais. E deve comunicar com clareza a leitura que se faz dos objetos/obras expostos e suas fontes, sejam eles fotografias, obras de arte, objetos da vida privada, performances, entre tantas possibilidades. No texto de Bann, aborda-se a questão dos museus voltados para a formação sócio-cultural de países “novos”, entre os quais inclui-se, numa perspectiva eurocentrista, o Brasil. Nessas instituições, a constituição de marcos históricos e de personagens ligados à cultura local têm grande importância e relevância, pois conferem identidade a locais, fatos e datas. Corre-se o risco, porém, de se idolatrar personagens, enaltecer fatos menos importantes, ou distorcer a história para solidificar tal identidade.

Aparentemente a exposição sobre Yolanda Penteado resulta da tese de doutorado de Marcos José Mantoan apresentada junto à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, já que curada pelo autor. Trata-se de uma pesquisa aprofundada e consistente sobre a vida e a atuação da personagem³, com vasto levantamento fotográfico e de documentação da época. No entanto, na exibição não se revela o modo de operar de Yolanda Penteado. Não se apresentam quais os agentes envolvidos em diferentes realizações, transações financeiras, opções estéticas. Aparecem apenas, quando explicitados, seus resultados finais, mitificando a figura social, sem esclarecer sua ação.

Qual seria o sentido de uma exposição sobre uma mulher do século XX ser montada e apresentada no Solar da Marquesa de Santos, uma mulher do século XVIII/XIX? Para além de questões burocráticas, políticas ou de organização, que possam ter levado a exposição a acontecer fortuitamente nesse espaço, é inevitável estabelecer um nexos entre as duas figuras femininas paulistas. São Paulo tem fortes personagens masculinas associadas à coragem, ao voluntarismo e ao progresso. No entanto, falta a imagem de uma mulher que respalde e legitime essas representações. E estas são

¹ O texto a seguir resulta de discussão com os membros do Grupo Museu Patrimônio logo após a visita técnica realizada.

² VERGO, Peter, org. *The new museology*. London: Reaktion Books, 2006. 6ª edição. 1ª edição, 1989.

³ MANTOAN, Marcos José. *Yolanda Penteado: gestão dedicada à arte moderna*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor. São Paulo: ECA-USP, 2015.

frequentemente retratadas a partir de uma leitura machista, como coadjuvantes ou como “tempero social”. Nesta exposição essa é uma das leituras que emergem. Há uma pasteurização da ligação entre a “nobreza” da Marquesa de Santos e a figura de Yolanda Penteadó. A Marquesa de Santos, hoje representada pelo Solar, tem um “capital simbólico”⁴ relevante para acentuar a importância da personagem moderna apresentada, mas tudo fica atenuado, escondido sob o colorido das diferentes personalidades femininas, mormente secundárias, objetualizadas.

A montagem é absolutamente discutível, com aparatos desproporcionais, excessivos, pesados e barulhentos. Elementos que não estabelecem qualquer diálogo com o espaço expositivo e com a história remota do sítio em que se encontram. A escala não se resolve bem e a leitura dos textos fica quase impossibilitada pela superfície espelhada sobre a qual se inscreve. Não há referências aos símbolos geométricos adotados (que não se entende de onde saíram) e apresenta-se uma linha do tempo confusa, sem créditos sobre a origem dos dados, que assim ficam naturalizados e não contribuem para uma leitura clara.



Vista da exposição “Yolanda Penteadó: A dama das artes de São Paulo”.

Foto: Márcia Sandoval Gregori

⁴ Capital simbólico é um termo cunhado por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo há quatro tipos de capital: o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico. Segundo Bourdieu todo capital adquire violência simbólica assim que reconhecido e impõe-se como autoridade, exigindo reconhecimento. O capital simbólico seria o próprio capital, de qualquer espécie, conhecido e reconhecido como óbvio, que exprime a hegemonia dominante nas interações sociais e sua representação enquanto modelo de excelência.

Enquanto a pesquisa tem profundidade acadêmica⁵, a exposição não apresenta tal rigor. Não há referências aos fotógrafos, faltam créditos de trabalho e não há relação entre a vida de Yolanda Penteadó e obras artísticas que fazem parte de sua história, algo que poderia ser resolvido com a conexão com outros espaços em que o visitante seria levado a conhecê-las, por exemplo.



Display da exposição "Yolanda Penteadó: A dama das artes de São Paulo".
Foto: Márcia Sandoval Gregori

⁵ Ver a tese de MANTOAN, Marcos José. *Yolanda Penteadó: gestão dedicada à arte moderna*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor. São Paulo: ECA-USP, 2015.

A exposição tem uma enorme quantidade de fotos que lembram (ou remetem a) o suplemento social de *O Estado de S. Paulo* – publicado ao longo de grande parte do século XX –, no qual apresentavam-se os acontecimentos culturais e políticos no diapasão “social” das elites. Atesta-se, portanto, a adesão econômica de parte dessa elite ao modernismo. Mas faltam perguntas críticas e não se cumpre o objetivo registrado no folheto da exposição de levar o público a “conhecer e refletir sobre a história das nossas instituições e sobre as condições que levaram a cidade de São Paulo a ser um dos atuais centros artísticos internacionais”.

Ficam no ar algumas perguntas. Quais são essas instituições culturais que temos no Brasil? Como elas operam? Ou seja: Há financiamento público ou privado? Como são selecionados e capacitados os funcionários? Qual a propriedade dessas instituições? Como se forma o acervo? Como se adquirem as obras? Há programas para públicos distintos? Como pano de fundo, apresenta-se o compadrio, o verniz da coluna social, como explicita a própria exposição. Por outro lado, qual seria a justificativa para uma duração tão longa de uma exposição dessa natureza, sem que essa esteja ligada a outras instituições? Faltam instrumentos que amplifiquem sua ação cultural, tais como, entre outras, debates, mesas redondas, seminários, conexão com outras instituições.

Referências

- BANN, Stephen. *On living in a new country*. In ***The new museology***. London: Reaktion Books, 2006. 6ª edição. 1ª edição, 1989. P: 99-118.
- BOURDIEU, Pierre. ***A economia das trocas simbólicas***. São Paulo: Perspectiva, 2007. 6ª edição.
- _____. ***O poder Simbólico***. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- MANTOAN, Marcos José. ***Yolanda Penteado: gestão dedicada à arte moderna***. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- VERGO, Peter, org. ***The new museology***. London: Reaktion Books, 2006. 6ª edição. 1ª edição, 1989.